



Enterro do cardeal Posadas: versão oficial para seu assassinato é questionada

Os homicídios da 'narcopolítica'

A vinculação de narcotraficantes em três assassinatos políticos reacendeu a discussão em torno do poder dos cartéis da droga

María Amparo Lasso

Avontade do governo mexicano de combater o tráfico de drogas está em jogo, assim como a reputação de inúmeros políticos – desde *caciques* locais até ministros de Estado –, envolvidos no que se considera “uma cabeça de hidra capaz de se reproduzir infinitamente”. Segundo fontes oficiais, atuam no país cinco bandos de traficantes de drogas, que movimentam bilhões de dólares por ano e corrompem dirigentes de diferentes níveis e as forças de segurança.

A aliança entre narcotráfico e o poder político e policial poderia estar por trás do assassinato de um representante da alta hierarquia da Igreja católica e de duas importantes figuras do Partido Revolucionário Institucional (PRI), no poder há 65 anos. Traficantes também seriam os mandantes de um atentado, em fins de outubro, ao presidente recém-eleito, Ernesto Zedillo, segundo fontes extra-oficiais.

O resultado das investigações – De acordo com as autoridades, o cardeal Juan Jesús Posadas Ocampo foi morto

em 24 de maio de 1993 no aeroporto de Guadalajara, ao ser confundido com o chefe de um cartel de drogas que ia ser assassinado por membros de outro grupo. A versão não convenceu nem o clero, nem 68% de uma incrível população que acha que “o governo sabe quem são os verdadeiros assassinos mas os encoberta”. Investigações posteriores mostraram a cumplicidade de agentes judiciários no crime.

Especula-se também que narcotraficantes estariam por trás dos assassinatos do candidato a presidente do PRI, Luis Donaldo Colosio, e do secretário geral do mesmo partido, Francisco Ruiz Massieu, em 23 de março e em 28 de setembro passados respectivamente.

Sem ter chegado a uma conclusão, as autoridades falaram inicialmente de um complô, mas depois, inexplicavelmente, concluíram que o responsável pela morte de Colosio era apenas um homem: o assassino confesso Mario Aburto Martínez, um mecânico de 23 anos que atirou na cabeça de Colosio. No entanto, fontes dos serviços de informação dos Estados Unidos, citadas a meados de outubro pelo jornal *El Financiero*, e um ex-alto funcionário da

Procuradoria Geral da República, Eduardo Valle, afirmaram que os autores do crime seriam membros do chamado Cartel do Golfo.

O envolvimento dos políticos – Os fios desta trama se estendem até o recente assassinato de Ruiz Massieu. As autoridades disseram que estariam implicados “destacados políticos com ajuda de narcotraficantes” também do Cartel do Golfo, um dos cinco existentes no México. Segundo fontes oficiais mexicanas e norte-americanas, este grupo operaria em pelo menos seis países e em conexão com o quartel colombiano de Cáli.

Ações violentas parecidas se atribuem ao Cartel de Tijuana, supostamente responsável pela morte do monsenhor Posadas, com influência em toda a península californiana.

Esta organização controla o comércio de heroína em associação com similares tailandesas, enquanto que o tráfico de maconha – cuja produção no México chegaria a 50 mil toneladas ao ano – está em mãos do Cartel de Jalisco, no estado do mesmo nome.

Mas o grupo mais antigo do México e o que mais preocupa o departamento antidrogas dos Estados Unidos (DEA) se conhece como Cartel de Juárez. Atua através da rodovia central (que vai desde o estado de Oaxaca até Coahuila e Chihuahua) e tem vínculos com os narcotraficantes de Medellín, na Colômbia.

A lista de funcionários públicos e políticos envolvidos com os cartéis do México é longa. O atual secretário de governo, Jorge Carpizo, declarou em 1993 que na Procuradoria “existem traidores a serviço do narcotráfico”. Pouco depois, o ex-presidente Miguel de la Madrid teve que defender dois de seus colaboradores – um ex-procurador e um ex-secretário de Defesa – acusados por supostas ligações com os narcotraficantes.

Ex-governadores de Colima, Tamaulipas, Jalisco, Sinaloa e Oaxaca têm sido denunciados por dar proteção a traficantes. Ruben Zuno, cunhado do ex-presidente Luis Echeverría, foi processado nos EUA por lavagem de dólares e cumplicidade no assassinato do agente norte-americano Enrique Camarena, da DEA. A agência antidrogas acusou também de envolvimento com cartéis Juan Arévalo e Mauricio Schelleske, titulares da Defesa e da Marinha, nos últimos seis anos.